

**Uma nova revolução urbana.  
Reinterpretando territórios no final do século 20**

Eloisa Dezen-Kempter

---

**Resumo:**

O presente artigo é parte da pesquisa de doutorado que procura levantar questões consideradas de fundamental importância para refletir sobre a mudança no ambiente urbano devido às rápidas e fundamentais transformações que aconteceram no final do século 20 e que acarretaram diversas transformações no espaço urbano. A passagem do modelo capitalista industrial para o terciário avançado deixou rastros pela cidade: vazios urbanos e grandes áreas industriais obsoletas. A reestruturação produtiva e a recessão econômica ao final dos anos 1970, ao provocar uma crise urbana sem precedentes, conduziu a adoção de programas de reconversão de áreas portuárias e industriais abandonadas ou degradadas.

**Palavras-chave:** reabilitação, projeto urbano, patrimônio industrial.

---

**Abstract:**

This paper, as a part of a research for a doctoral thesis, focus the qualitative changing of urban fabric regarding the worldwide crisis occurred during the second half of the twentieth century. A fall in the contribution made by the manufacturing sector to national output, employment and income lead to a emergence of empty factories, derelict docks and vacant lots. The structural change in the manufacturing sector and the economical recession of the 70's lead the cities to experience its worst economic depression, it claimed for a new commitment with the transformation of once-industrial sites.

**Keywords:** urban reclamation, urban design, industrial heritage

**Desindustrialização e transformação urbana**

---

---

\* Doutoranda, IFCH – UNICAMP. E-mail: ekempter@fec.unicamp.br.

O fim da modernidade, como também o foi para a cidade antiga é, ao mesmo tempo, obsolência e desativação, transformação e reutilização (SECCHI, 2006: 91)

A mudança acarretada pelo processo de industrialização e automatização resultou em uma transformação qualitativa da cidade, na qual ela não pode ser considerada uma versão maior da cidade tradicional, mas uma nova e diferente forma de agrupamento humano. A revolução industrial promoveu a divisão especializada do trabalho, e com o aumento da especialização teria que ocorrer um estreitamento da cooperação entre as especialidades, tanto dentro das fábricas como entre elas. A divisão do trabalho e o aumento da produtividade tornaram possível a concentração humana em cidades, e a cooperação do trabalho tornou-a necessária, uma vez que o novo sistema exigia a proximidade de trabalhadores de diversas especialidades e de diversos estabelecimentos, forçados a intercambiar bens e serviços.

A partir da segunda metade do século XX ocorreu o esgotamento da onda expansiva que caracterizou o capitalismo depois da Segunda Guerra Mundial, a lógica da valorização do capital tornou imperativa a substituição do antigo regime fordista/taylorista por um padrão flexível de acumulação capitalista, centrado na reestruturação produtiva do sistema capitalista.

Essa reestruturação, que provocou profundas transformações no modo de produção de diversos setores industriais, foi responsável por drásticas mudanças no espaço urbano das cidades. Como afirma Saskia Sassen: “uma multiplicidade de centros manufatureiros e cidades portuárias, outrora importantes, perderam suas funções e encontram-se em declínio, não só nos países menos desenvolvidos como também nas economias mais adiantadas” (SASSEN, 1998: 17). O antigo modelo de produção fordista, com grandes áreas industriais, não se enquadra ao novo modo de produção flexível, que tem como princípios mobilidade, articulação e agilidade.

Ao descrever a cidade contemporânea, João Manoel Evangelista comenta que a natureza dos fenômenos sócio-culturais contemporâneos apenas pode ser desvendada quando referidos às transformações sistêmicas

experimentadas pela ordem do capital a partir dos anos 80, consubstanciadas na reestruturação produtiva que afetou dramaticamente o mundo da produção, ensejando inovações na organização do processo produtivo, novas formas de gestão do trabalho, que buscaram legitimação ideológica e cultural no ideário neoliberal hegemônico em escala mundial (EVANGELISTA, 2001: 30).

Essa crise contribuiu para o surgimento de áreas abandonadas e atingiu principalmente a categoria de edifícios e complexos industriais. Estes edifícios, como outras produções materiais, são objeto de consumo e renovações muito rápidas, seja porque eles estão submetidos à obsolescência do uso, perdendo sua função original, seja porque os investimentos da economia imobiliária e fundiária, ou os motores de uma política urbana os condena a serem substituídos por outros.

O fato de muitos países enfrentarem uma série de problemas produzidos por paisagens construídas durante o auge da era industrial, agora em completa decadência física e funcional, contribui para ampliar a percepção negativa sobre estes espaços. Por outro lado esta percepção associada com a necessidade de proteção da história e memória destes lugares tem sido nas últimas décadas o catalisador da renovação e revitalização destas paisagens.

As instalações industriais abandonadas são presenças de um passado recente, a maioria dos edifícios industriais não estão nem perdidos de vista, nem esquecidos, ou tampouco relegados a um passado incerto, eles são simplesmente um material que está diante de nossos olhos. As áreas industriais obsoletas constituem “espaços de oportunidade”, espaços para realizar melhorias na qualidade de vida, melhorias ambientais, melhorias urbanísticas, melhorias sociais e melhorias econômicas.

A requalificação das áreas industriais constituem um mediador do espaço e do tempo. Mediador do espaço urbano que se renova constantemente, mediador do tempo longo, da perenidade das coisas estabelecidas, e do tempo curto das utilizações, dos equipamentos rapidamente obsoletos, ou seja, mediador de um espaço durável e de um espaço consumível. O Gas Works Park de Seattle (imagem 1) constitui um

Eloisa Dezen-Kempton

bom exemplo deste processo: a antiga fábrica de Gás que abastecia a cidade de 1907 até meados da década 1950, após seu fechamento manteve a estrutura das antigas instalações apesar da área contaminada com poluentes do solo como o hidrocarboneto, fuligem e resíduos químicos de petróleo. Um enorme esforço de limpeza do solo foi necessário para criar um parque, e manter a estrutura da Fábrica, uma das maiores na sua categoria nos EUA.



Imagem 1

Estamos diante de emaranhado de pessoas e atividades característicos da contemporaneidade, que nos faz observar a cidade e o território com o olhar arqueológico, a tentar compreender que os diversos estratos históricos mesclaram-se entre si como efeito de um movimento telúrico: aquilo que encontramos à superfície, não se pode dizer que seja o estrato mais recente, tampouco não se pode dizer que o que encontramos após longa escavação seja o mais antigo, casas viram fábrica, fábricas se transformam em teatros, escolas viram casas, estações ferroviárias viram espaços culturais. Como coloca Secchi

Mescla, diversificação e obsolência sucedendo-se, destroem valores posicionais e continuamente propõem novos problemas culturais: quer digam respeito aos graus de tolerância, compatibilidade e incompatibilidade em relação ao outro, a suas práticas a seus usos e atividades, aos ruídos, aos odores, quer refiram às temporalidades sobrepostas e entrecruzadas. (SECCHI, 2006: 91)

Essa nova esfera de relações temporais suscita ao mesmo tempo

expectativa e dúvida, assim como coloca Marshall Berman: ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor - mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos (BERMAN, 1992: 15)

A crise econômica teve reflexos na estrutura urbana, o que resultou uma mudança estrutural na forma de se pensar o planejamento urbano das cidades, passando a ser atacado como um dos fatores responsáveis por essa crise conforme relata Peter Hall:

O planejamento tornou-se, ele próprio, parte central do pacote de políticas visado por esses ataques. Desvirtuara e inibira – assim alegara a direita radical – a operação das forças de mercado, forçando os industriais a tomarem decisões subotimais de localização, e até estrangulando a livre empresa. Fora, pelo menos em parte, responsável pelo colapso de cidades e regiões morosas em gerar o aparecimento de indústrias que substituiu as decadentes. (HALL, 2001: 408-409)

### **O patrimônio Industrial e sua reabilitação**

Quem não sente ainda grande emoção ao passear por áreas industriais abandonadas, fábricas desocupadas, ou portos onde gruas enferrujam, ou por estações desativadas? Uma emoção estranha, uma vez que não está necessariamente relacionada, como freqüentemente se acredita, à nostalgia de uma outra época. Nossa “boa” consciência, por outro lado, nos coloca em estado de alerta: como podemos sentir saudade de um tempo que nossos antepassados eram condenados a horas de trabalho intensivo, em condições sanitárias difíceis? O silêncio desses territórios abandonados, dessas construções desmoronadas, nos coloca, contudo, em um estado de alucinação, uma vez que podemos ver os corpos, escutar vozes e gritos, ter a sensação de uma atmosfera de vida comum que a literatura e o cinema nos sugerem o tempo todo. Um estado visionário, retrospectivo, que nos incomoda... (JEUDI, 2005: 25)

A industrialização significou uma transformação radical do meio físico e mental da humanidade, impondo a moral do sacrifício de valores estéticos e culturais a favor de conceitos econômicos e sociais.

A obsolescência técnica da indústria é indissociável da problemática social e econômica que a reestruturação econômica e tecnológica acarreta.

Áreas industriais abandonadas e degradadas, estruturas de interesse industrial e arquitetônico que poderiam ser conservadas, reutilizadas e rehabilitadas, desaparecem diariamente e são substituídas por construções, muitas vezes de caráter e qualidade inferior, devido à pressão do mercado imobiliário.<sup>1</sup>

Tratando-se das medidas de proteção do patrimônio industrial, essa exigência de maior agilidade em todo o processo encontra dificuldades na implementação e implantação dos meios necessários, pois o tempo real de elaboração de inventários, de tramitação dos instrumentos de proteção e de sua promulgação supera muitas vezes a destreza das operações especulativas do mercado imobiliário e da dinâmica urbana, criando contradições para todo o processo de conservação da identidade e do caráter que a indústria imprimiu, de maneira inconfundível, em determinadas áreas, cidades e regiões.

Se por um lado preserva-se sua integridade construída, que foi signo da modernidade que chegava às cidades trazendo progresso e desenvolvimento, e hoje são estruturas obsoletas, descartadas da possibilidade de manterem-se no sistema produtivo capitalista como o eram no passado, por outro lado transformam-se seus valores sociais, que é parte do registro de vida de homens e mulheres que ali trabalharam, assim como seu valor científico e tecnológico de um saber fazer, de uma

---

<sup>1</sup> Como exemplo podemos citar o que ocorreu com edifício de tijolo à vista na Avenida Andrade Neves com 2,6 mil m<sup>2</sup> de área, construído em 1873 para abrigar a Cia MacHardy, primeira fundição de Campinas, que se transferiu para a mesma avenida, bem próximo de sua concorrente, a Fábrica Lidgerwood (hoje um imóvel tombado, onde funciona o Museu da Cidade). Em março de 2006 a Prefeitura embargou a demolição deste edifício, onde a Igreja Internacional da Graça de Deus (IIGD) pretendia construir um novo templo. A IIGD possuía alvará de demolição, que foi cancelado pela Prefeitura para verificação de preservação de fachada. Mesmo com o embargo, o prédio continuou a ser demolido. Além de ter abrigado a primeira fundição de Campinas, em 1906 começou a funcionar neste edifício a Fábrica de Cerveja e Gelo Colúmbia. Em 1957, foi comprada pela Antarctica, que já estava instalada no edifício ao lado.

técnica produtiva, que talvez fique para sempre perdido.

A Carta de Nizhny Tagil para a Preservação do Patrimônio Industrial (TICCIH, 2003) coloca a importância destes valores:

iii. Estes valores são intrínsecos aos próprios sítios industriais, às suas estruturas, aos seus elementos constitutivos, à sua maquinaria, à sua paisagem industrial, à sua documentação e também aos registros intangíveis contidos na memória dos homens e das suas tradições.

Coloca também a importância de sua preservação:

iv. A adaptação de um sítio industrial a uma nova utilização a fim de se assegurar a sua conservação é em geral aceitável salvo no caso de sítios com uma importância histórica particular. As novas utilizações deverão respeitar o material específico e os esquemas originais de circulação e de produção, sendo tanto quanto possível compatíveis com a sua anterior utilização. É recomendada uma adaptação que evoque a sua antiga atividade.

A busca das cidades pela inserção destes espaços preteritamente industriais, pressupõe sua instrumentalização e utilização deste espaço urbano peculiar de forma a tentar preservar sua memória e transformar áreas estagnadas em áreas socialmente e espacialmente integradas. Por este motivo a questão que se coloca é: preservar ou requalificar?

Os projetos de Reabilitação<sup>2</sup> procuraram trabalhar tanto o significado das edificações quanto a memória coletiva,<sup>3</sup> em uma relação entre o lugar e a sociedade, construída na história.

---

<sup>2</sup> Maria Cristina Schicch escreve em seu artigo "REstauração, RENovação, REvitalização, REqualificação, REabilitação" que a dúvida mais freqüente quanto às denominações das intervenções urbanísticas contemporâneas recai sobre aqueles termos que são precedidos pelo prefixo "re": como então denominar a intervenção que pretende dar nova função e forma para arquiteturas e contextos urbanos constituídos mas que ao mesmo tempo respeite ou incorpore a paisagem existente e os valores históricos, de identidade, de memória, estéticos presentes nestes?... Chega-se assim ao mais recente termo utilizado para denominar estes processos: a reabilitação. A vantagem deste em relação aos demais é o fato de ser o que mais pressupõe a preservação do ambiente construído e ocupado, porém sem carregar um significado associado a momentos diferentes da história do urbanismo como o termo renovação que foi

Eloisa Dezen-Kempter

Porém, enquanto a memória seria expressão dessa relação, o significado a representaria.

Para que o significado seja preservado, seria indispensável não apenas a continuidade formal, mas também a de uso. A questão que se coloca é: como preservar o uso de uma fábrica quando esta função já está destituída de seus vínculos com a estrutura e com a evolução técnica e social da cidade? O sentido de ordem poderia ser novamente suscitado em situações de reabilitação do patrimônio industrial em museus industriais, que além de conferir ao espaço utilidade poderia evocar também um saber técnico? Jeudi nos faz refletir sobre esse tipo de “reconstituição”:

Prosseguindo nossa caminhada, vemos erguer-se um edifício inteiramente reconstituído, bem limpo, bem distinto dos terrenos vazios, porque parece ocupado. É o museu. Sabemos que, ao entrar nele, não experimentaremos as mesmas emoções. Aprenderemos coisas, veremos que ali tudo está correto, em ordem, que as máquinas parecem prontas para funcionar, e que nenhum detalhe escapou à reconstituição do que foi o local de trabalho. Terminaremos sabendo até “como tudo se passou”. Se nossas imagens eram algumas vezes confusas enquanto caminhávamos pelos terrenos abandonados, no museu elas recuperaram a aparência de ordem. Como não apreciar esta ordem do museu? Ele preenche bem sua função: é a evocação maquinal do que foi. (JEUDI, 2005:25)

O uso, porém, é uma função social. Aldo Rossi acredita que aceitar a continuidade espacial (forma associada ao seu uso) significa reconhecer os diversos fenômenos urbanos como homogêneos e permanentes. O que no atual momento da sociedade seria patológico (ROSSI, 1995, 199).

Rossi admite que uma cidade pode mudar completamente ao cabo de

---

utilizado para indicar ações protagonizadas pelo grande capital imobiliário e revitalização que denominou ações que visavam principalmente a recuperação e a preservação do patrimônio histórico urbano. Reabilitação pode ser pensada ainda como ação que inclui a preservação da arquitetura comum e não apenas a de interesse histórico e concebe o patrimônio edificado em si como valor de recurso. (SCHICCH, 2005)

<sup>3</sup> Memória Coletiva entendida como relação da coletividade com o lugar e com a idéia dele.



cinquenta anos; quem vive na mesma cidade habitua-se lentamente a essa transformação, mas nem por isso ela é menos verdadeira . (ROSSI, 1995: 209)

Bernardo Secchi vai mais além ao propor uma política de "*renovatio urbis*", que não nega o passado, mas o reelabora procurando reescrever o sentido dos lugares que, na prática banalizante da modernidade, havia se perdido. Uma política de "*renovatio urbis*" redesenha a geografia funcional e simbólica da cidade e do território levando-a a ficar mais próxima do mapa mental da sociedade contemporânea, não ao mapa de valores monetários pretendido por diversos grupos de poder. Uma política de "*rennovatio urbis*" desloca diversamente do passado os valores posicionais e assim opõe resistência ao mercado, não o segue totalmente. Acrescenta ao palimpsesto urbano um novo "*layer*" que lhe permite uma nova interpretação. (SECCHI: 2004)

O papel da arquitetura neste processo de construção deste novo layer é transformar o sentido de identidade dos lugares em monumentos da memória, ao qual Pierre Nora deu o nome de lugares da memória. Segundo o autor, os traços que definem tais lugares são numerosos e complexos, "não são aquilo que nos lembramos, mas lá onde a memória trabalha: não propriamente a tradição, mas seu laboratório" (NORA, 1997 *apud* DOSSE, 2001: 37). Para Nora, esses lugares são os frutos de uma vontade e de um desejo de bloquear o trabalho do esquecimento, de fixar um estado de coisas, de imortalizar a morte, de materializar o imaterial para fixar o máximo de sentidos dentro de um mínimo de sinais concretizando espacialmente ideologias sociais, políticas, religiosas e raciais.

A visão de Nora sobre os lugares da memória, segundo François Dosse (NORA, 1993 *apud* DOSSE, 2001: 37), abre caminho para uma nova história sobre os vestígios deixados na memória coletiva por fatos, homens, símbolos, emblemas do passado:

... não mais os determinantes, mas seus efeitos; não mais as ações memorizadas nem mesmo comemoradas, mas os vestígios dessas ações e o jogo dessas comemorações; não mais os acontecimentos em si mesmos, mas sua construção no tempo, o desaparecimento e a ressurgência de suas significações; não o passado tal como se

Eloisa Dezen-Kempter

passou, mas suas reutilizações permanentes, seus usos e abusos, sua pregnância sobre os presentes sucessivos; não a tradição, mas a maneira como ela se constituiu e transmitiu.

A Carta de Nizhny Tagil confirma também o valor econômico e a questão da sustentabilidade que o patrimônio industrial pode desempenhar:

v. Adaptar e continuar a utilizar edifícios industriais evita o desperdício de energia e contribui para o desenvolvimento econômico sustentado. O patrimônio industrial pode desempenhar um papel importante na regeneração econômica de regiões deprimidas ou em declínio. A continuidade que esta reutilização implica pode proporcionar um equilíbrio psicológico às comunidades confrontadas com a perda súbita de empregos duradouros.

Como exemplo de reabilitação que visa a regeneração econômica, social e ambiental podemos citar o caso do IBA-Emscher Park,<sup>4</sup> que tinha por objetivo incentivar novas idéias e projetos, nas áreas de desenvolvimento urbano, social, cultural e ecológico, considerados como setores básicos para impulsionar e direcionar as mudanças numa antiga região industrial em processo de transformação. O projeto tinha por filosofia promover reformas estruturais, que não buscam negar o passado industrial que dominou a região, não almejam disfarçar e nem criar novas paisagens pós-industriais. Prevalece neles um espírito de mudanças contidas: inovação com moderação.

A filosofia de projeto IBA é também inovadora, no sentido de que projetos vão sendo lançados sem aguardar os resultados dos planos nacionais, regionais, institucionais, em pauta no país. A filosofia de planejamento que prevalece adquire uma audácia inesperada: os planos é

---

<sup>4</sup> O Projeto denominado Internationale Bauausstellung (Exposição Internacional de Construção), conhecido por IBA Emscher Park, foi estabelecido na região do Ruhrgebiet, no Estado da Renânia do Norte/Westphalia na área mais industrializada da Alemanha, a partir de 1989 com duração pré-estabelecida e encerramento fixo marcado para 1999.

que poderão aprender depois o que os projetos, já em ação, passarão a lhes ensinar.

Quebra-se com esta atitude a dificuldade burocrática da demora de aprovação de planos em diferentes escalas de poder, agilizando um processo de renovação, através de parcerias que no percurso clássico do planejamento seria inviabilizado.

Podemos perceber que no projeto IBA a questão do aproveitamento de estruturas arquitetônicas existentes da trama urbana e sua adequação a novos usos, que passa a ser uma consideração importante de âmbito internacional, principalmente neste momento de transição de uma sociedade industrial para uma pós-industrial, foi fundamental para seu sucesso.

Além disso, parafraseando Thomas Sieverts (SIEVERTS, 1999: 30), ao se perceber a cidade como produto resultante do “Hardware”, visto por ele como o ambiente real (*physical Environment*) e do “Software”, o que representa a percepção e o uso, as formas de intervenção para adequação de ambientes urbanos não deveriam se processar apenas no nível do Hardware do ambiente construído, mas e, principalmente, no nível do Software da consciência urbana, tornando então um processo de transformação urbana ainda mais eficaz, a partir da interação desses dois elementos, na medida que os habitantes (usuários da cidade) participem ativamente desta transformação.



Além dos ~~patrimônios industriais~~ Zöllverein – antiga mineradora que faz parte do projeto IBA à função social e econômica, não podemos desconsiderar seu valor

enquanto objeto constituinte da paisagem urbana. Neste sentido, Berardino Palumbo (PALUMBO, 2000 *apud* DE BIASE, 2001: 175) sugere a abordagem do patrimônio como objetos-sinais, inscritos dentro de um campo físico, uma nação, uma região, uma cidade ou um bairro e como elementos de estratégias retóricas, de ficções, por intermédio dos quais coloca-se em cena e modela-se o tempo, a memória, a história e a identidade. Esses lugares da memória nos falam, não somente do passado, mas, ainda mais, eles justificam e confirmam o tempo presente.

As edificações e complexos industriais, como objetos-sinais são utilizados para traduzir no espaço algumas ideologias: nacional, religiosa, cultural ou étnica, que necessita reencontrar pontos de referência.

O rápido desmantelamento de atividades industriais em uma região contribui para dispersar os compromissos patrimoniais, que podem ser refeitos através de iniciativas individuais no sentido de resgate da memória de trabalho, através de arquivos e objetos, de organização de exposições, produções e publicações locais ou regionais de histórias, poesia, fotografias em defesa destes objetos-sinais, como aconteceu nas Portas dos autofornos de Longwy, na França.

Essas iniciativas caracterizam um período de eclosão do patrimônio cultural, questão curiosa, pois, foi precedida de uma vasta etapa, na qual era um tema de estudiosos e entusiastas nostálgicos da tradição, vistos com certo deprecio por aqueles que o consideravam superado pela modernização tecnológica ou pelas novas teorias sociológicas que explicavam a era pós-industrial.

Marta Anico (2005: 30) analisando o crescimento e a diversificação de museus e sítios patrimoniais na contemporaneidade afirma que as questões inerentes a este boom da memória e do patrimônio foram amplamente debatidas por investigadores como Robert Hewison (1987), David Lowenthal (1985), Raphael Samuel (1994), Kevin Walsh (1992) ou Patrick Wright (1985), que identificaram um conjunto de circunstâncias associadas ao contexto social, político e econômico que caracterizou a década de 80 e o início dos anos 90 do século XX, que teriam confluído para uma representação do passado como um tempo perdido ou uma época de

ouro. De acordo com essas teorizações, a patrimonialização de referentes culturais que veio materializar a obsessão pelo passado configura-se como uma estratégia de proteção, baseada na conservação de identidades centradas, unidas e coerentes, mediante a valorização do patrimônio e da memória, como resposta às pressões das forças da globalização, ao desconforto do presente e às incertezas do futuro.

As transformações produzidas como consequência dos processos de globalização são, assim, percebidas como uma forma de declínio e de ameaça à estabilidade da qual depende a segurança e a identidade dos indivíduos, conduzindo à preservação do passado, numa espécie de nostalgia retrospectiva que emerge como um mecanismo de proteção, de modo a assegurar a continuidade de símbolos e significados que proporcionem uma adequação à crise mediante o reforço do sentido de coesão e de identidade coletiva, que era muito forte nos ambientes fabris.

Ainda sobre o amor coletivo ao patrimônio nos anos 1980, Henri-Pierre Jeudi (2005: 26) afirma que este foi despertado pelo desmoronamento dos modos de produção industrial. Jeudi avalia que a crise provocada pela transformação dos modos de produção era tratada dentro de uma perspectiva de proteção e de preservação dos vestígios e da parte ainda viva de toda história social de uma região. Era preciso que os signos monumentais representativos das memórias coletivas persistissem, assegurando a visão comunitária de uma transfiguração possível para o futuro, sem produzir o mínimo repúdio ao que havia sido. O que estava em jogo não era a transmissão patrimonial tradicional, mas uma “*transmissão em ato*”, da qual o conjunto da comunidade deveria participar. Ao invés de ser imposta como uma escritura da história da qual as pessoas estavam excluídas, uma escritura feita sem elas, da qual, contudo, ainda eram as testemunhas vivas, essa construção da transmissão tornara-se, na época, uma questão de todos. E foi a partir da constituição do patrimônio industrial que uma propensão pela defesa dos “novos” patrimônios propagou-se.

Seguindo autores já clássicos como Aldo Rossi e Kevin Lynch (ROSSI, 1995: *passim*; LYNCH, 1999: *passim*), estes monumentos, independente de

Eloisa Dezen-Kempton

sua função específica, destacam-se pela singularidade em relação à tipologia construída vizinha ou pela identidade que ganharam no imaginário coletivo (as chaminés, as torres, os canais etc.), mantendo ou reforçando essa identidade para além de sua função inicial.

A cidade tradicional e sua área envoltória ainda contêm número significativo desses elementos. O grande risco introduzido pelos processos de transformação das áreas que os rodeiam ou das novas infra-estruturas, com densificações e alterações do perfil da edificação é a perda progressiva dessas singularidades. Quando a qualidade do novo é consensualmente insignificante, a cidade nada ganha com as alterações e dilui a identidade que tinha.

### **Reinterpretando territórios industriais**

Segundo uma concepção da história, pelo menos daquela que trata da cidade e do território como processo de seleção cumulativa, em que o presente é o resultado do depósito de uma longa série de práticas que levaram a destruir, modificar, conservar ou construir ex-novo algo que antes nem podia ser imaginado, as passagens de uma época a outra, por exemplo, da cidade moderna à cidade contemporânea, nunca são improvisadas, cada forma desenvolvida contém, dentro de si, resquícios das formas precedentes. (SECCHI, 2006: 87)

A estratégia da reabilitação urbana, segundo Vicente Del Rio (1990: 46), foi iniciada na década de 60, com o projeto para Baltimore cujo programa de renovação de sua área portuária interior foi uma experiência exemplar em todo mundo.

Borja e Castells (1997: 254) exaltam que uma zona obsoleta é uma oportunidade, incluída de centralidade, onde o desenvolvimento de uma ação especializada pode propiciar o desenvolvimento urbano em uma escala superior.

Por outro lado, a percepção da oportunidade aliada à necessidade de proteção da história e memória de espaços industriais abandonados, tem sido nas últimas décadas o catalisador da renovação e revitalização de paisagens industriais.

Está sendo cada vez mais corrente dentro do curso de arquitetura e urbanismo os exercícios de projeto visando à reabilitação urbana de áreas industriais, que se transformam em campo de pesquisa e objeto de estudo da prática do projeto arquitetônico.

A requalificação de prédios históricos vem de encontro ao que Bernard Lepetit (2002: 125) chama de poder de absorção dos territórios urbanos às modificações de uso e mutações econômicas. Lepetit menciona a dificuldade de certos territórios urbanos em absorver modificações de uso ou mutações econômicas, o que acaba estabelecendo uma relação de mão única entre as mutações das práticas e do espaço.

A conservação do patrimônio industrial contribui para uma melhor leitura e compreensão dos processos históricos de construção e organização espacial do tecido urbano, moldando o imaginário e a memória coletiva ao celebrar a longevidade das formas arquitetônicas e do desenho urbano singulares dos territórios industriais.

### **Conclusão**

O presente artigo pretendeu apenas introduzir algumas preocupações, e assim, enunciar algumas questões que permitissem ampliar a discussão sobre as ações relacionadas à preservação da paisagem industrial.

Para tanto o artigo apenas aborda alguns tópicos que nos permitiram introduzir a discussão sobre a questão da imagem industrial e de sua reabilitação.

Considera-se ainda, que é fundamental investir numa perspectiva de análise e intervenção mais aprofundada das diversas questões relacionadas com o patrimônio industrial, de modo a ser possível conhecer melhor a sua complexidade, as relações entre preservação e reabilitação urbana, imagem e identidade, manutenção e projeto, conservação e mudança.

Por estarem estas questões em uma perspectiva de trabalho que integre as várias frentes disciplinares de abordagem, somente a partir de

Eloisa Dezen-Kempton

uma leitura multidisciplinar poderá ser avaliada a forma mais significativa para um processo de reabilitação que promova o respeito pela dinamicidade deste patrimônio em particular, assim como o de sua imagem.

Aqui se procurou salientar a importância deste patrimônio na reinterpretação de antigos territórios produtivos. Neste sentido, partiu-se do pressuposto de que as áreas industriais obsoletas constituem um bem patrimonial e cultural que conjuga uma variedade de dimensões construtivas, estéticas, decorativas, sociais, culturais, simbólicas, e que o patrimônio industrial parece ter conseguido impor sua própria estética.

### **Bibliografia**

- ANICO, Marta. "A pós-modernização da cultura: patrimônio e museus na contemporaneidade". *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 11, n. 23, Junho 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-71832005000100005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832005000100005&lng=en&nrm=iso)>
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- DE BIASE, Alessia. "Ficções arquitetônicas para a construção da identidade". *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 7, n. 16, dezembro de 2001, p. 173-188.
- EVANGELISTA, "João Emanuel. Elementos para uma crítica da cultura pós-moderna". *Novos Rumos*, São Paulo, ano 16, n. 34, p. 29-40, 2001.
- HALL, Peter. *Cidades do amanhã*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- JEUDI, Henri-Pierre. *Espelho das Cidades*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.
- LYNCH, Kevin. *A Imagem da Cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- LEPETIT, Bernard. *Por uma Nova História Urbana*. São Paulo: EDUSP, 2002.
- MONNIER, Gérard. Fazer a história da arquitetura recente. *Revista CPC*, São Paulo, n.3, p. 54-68, nov. 2006/abr. 2007.
- ROSSI, Aldo. *Arquitetura da Cidade*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1995.
- SASSEN, Saskia. *As Cidades na Economia Global*. São Paulo: Studio Nobel, 1998.



Uma nova revolução urbana. Reinterpretando...

SCHICCHI, M. C. S. REnovação, REvitalização, REqualificação, REabilitação. 2005 (Artigo em *Jornal Interno* do PROGRAMA PET da FAU/CEATEC, PUC-CAMPINAS).

SECCHI, Bernardo. Entrevistado por Adalberto Retto e Christian Traficante. *Portal Vitruvius*, 2004. Disponível em: <[http://www.vitruvius.com.br/entrevista/secchi/secchi\\_7.asp](http://www.vitruvius.com.br/entrevista/secchi/secchi_7.asp)>

SECCHI, Bernardo. *Primeira Lição de urbanismo*. São Paulo, Editora Perspectiva, 2006.

SIEVERTS, Thomas. *Zwischenstadt: zwischen Ort und Welt, Raum und Zeit, Stadt und Land*. Braunschweig/Wiesbaden: Vieweg, 1999.

TICCIH – “*The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage*”. *Carta de Nizhny Tagil sobre o Patrimônio Industrial*, Julho 2003.

### **Imagens**

IMAGEM 1 – Gas works de Seattle. Disponível em: <[http://www.cityofseattle.net/parks/\\_images/parks/GasWorks/Aerial.jpg](http://www.cityofseattle.net/parks/_images/parks/GasWorks/Aerial.jpg)>

IMAGEM 2 – Zollverein – antiga mineradora que faz parte do projeto IBA. Disponível em: <<http://bilddatenbank.zollverein.de/main.php>>

Recebido em março e aprovado em julho de 2009.